



MANGUEIRA

CARNAVAL

2023

AS
AFRICAS
QUE A
BAHIA
CANTA

Justificativa

“AS ÁFRICAS QUE A BAHIA CANTA”

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

***“Isso é a confirmação de
que a Mangueira
É onde o Rio é mais baiano”
Onde o Rio é mais baiano
(Caetano Veloso)***

No carnaval de 2023 a Estação Primeira de Mangueira irá apresentar o enredo “As Áfricas que a Bahia canta”. Em seu desfile, a verde e rosa vai abordar a diversidade e a pluralidade de construções, imaginações e recriações de África através dos cortejos negros do carnaval baiano. Destacando a centralidade da musicalidade e o forte protagonismo feminino, a escola irá retratar diferentes organizações afrocarnavalescas. A folia é entendida como um espaço central no processo de construção de uma identidade afro-brasileira e afro-baiana. O desfile se divide em cinco formas históricas de cortejo negro do carnaval baiano: os cucumbis; os clubes uniformizados; os afoxés; os blocos afro; e o axé. Esta divisão tem um recorte temporal que vai da primeira metade do século XIX até hoje.

O horror da escravidão, motor do sistema colonial brasileiro, promoveu a chegada forçada de um contingente expressivo de homens e mulheres originários do continente africano como mão de obra para a produção. Privados de sua liberdade, estes negros e negras de diferentes matrizes culturais lutaram pela preservação de seus sistemas simbólicos, conhecimentos ancestrais, crenças e formas de vida. Além destas permanências, outras formas de ser e crer foram gestadas neste encontro diverso, ressaltando a pluralidade constitutiva da experiência negra no Brasil. Ainda durante a longa e cruel vigência do sistema escravocrata, na primeira metade do século XIX, esta presença negra começa a se fazer notar no carnaval baiano graças aos cucumbis.

Os **cucumbis** eram uma espécie de folguedo que, através de canto e dança, apresentava diversos rituais celebratórios do Reino do Congo. Trata-se de uma apresentação de corte, um ritual festivo que também comporta elementos dramáticos e tem na figura da Rainha um papel de destaque. Além disso, desafiava à lógica escravocrata ao representar em seu préstito africanos e africanas em posição de destaque e poder, como realeza. Produto da cultura banto, cantavam em sua língua natal acompanhados por xequerês, ganzás, chocalhos, tamborins e agogôs.

“AS ÁFRICAS QUE A BAHIA CANTA”

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Durante a segunda metade do século XIX, houve uma tentativa de reforma e transformação do carnaval por parte das elites. A burguesia contou com o aparato policial e com o engajamento de literatos no combate as formas populares de brincar a festa. É neste contexto que surgem os **clubes uniformizados negros**. Dialogando com a elite local e se apresentando em forma processional, com alegorias exuberantes e volumosas, agremiações como a *Embaixada Africana*, os *Pândegos de África*, *Nagôs em Folia*, *Filhos da África* e os *Diabos Africanos* lutam pelo protagonismo festivo com os clubes uniformizados formados pelos brancos. Reconhecidos pelos seus batuques, estes clubes apresentavam a cada ano em seus enredos-manifestos temas africanos. Valorizando personagens, passagens históricas e elementos culturais, tratava-se de uma imaginação de África potente e exuberante.

Parte considerável dos jornais da época classificava todas as formas de cortejo negro como *batuques* ou *afoxés*. Esta maneira generalista incluía em um mesmo balaio diferentes organizações afrocarnavalescas. Embora, na virada do século, já houvesse de fato algumas organizações com este formato, um marco decisivo da presença dos **afoxés** no carnaval baiano é a fundação do Filhos de Gandhi em 1949. Desde então, multiplicaram-se os afoxés: *Badauê*, *Filhas d'Oxum*, *Oyá Axogum Sobô*, *Korin Efan*, *Ataojá*, *Ilê Oyá*, *Monte Negro*, *Filhas de Ghandy* e tantos outros mais. Os trabalhos são abertos com um padê para Exu, na sequência, abrindo o cortejo, o boneco babalotim ou a boneca ialotim, símbolo ritual do grupo. Também conhecidos como candomblés de rua, os afoxés representam o momento em que a tradição dos orixás transborda dos terreiros para encantar toda cidade através do ritmo do Ijexá e com as bênçãos das matriarcas da religião.

Durante a década de 1960 as escolas de samba, os blocos e cordões eram algumas das organizações onde a juventude negra brincava o carnaval. Progressivamente, com o declínio das escolas de samba, esta juventude negra começa a formar novos blocos que teriam na temática indígena o seu mote principal. Embora já houvesse algum trânsito cultural entre negros e indígenas no carnaval desde, pelo menos, os cucumbis, tratava-se de uma nova categoria carnavalesca: sujeitos negros formavam blocos de índios para curtir a folia como os Cacicques do Garcia e o Apaches do Tororó. O fato é que houve forte repressão policial e na década seguinte outra forma festiva surgiria para abalar as estruturas do carnaval baiano.

“AS ÁFRICAS QUE A BAHIA CANTA”

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Os **blocos afro** são agremiações que produziram, a partir da década de 1970, o que diversos autores classificaram como a “reafricanização do carnaval baiano”. Estes cortejos construíram expressões estéticas e discursivas de grande relevância para a preservação, a difusão e a valorização da cultura negra. Incorporaram diversos ritmos caribenhos em sua sonoridade, ampliando a diversidade sonora da festa. Também contribuíram para a valorização da beleza negra através de concursos como o realizado pelo Ilê Aiyê que elege uma Deusa do Ébano que será destaque em seu desfile. Além do carnaval, converteram-se em importantes centros educacionais nos bairros onde se situam.

O **axé** como forma de cortejo é o resultado de diversas colaborações sonoras e de um processo histórico de acúmulos e transformações que terá, na invenção do trio elétrico por Dodô e Osmar, um episódio decisivo. Beneficiando-se de um caldo de cultura que inclui o pagodão, o samba de roda, os afoxés, o frevo, o reggae, a muzenza e outros ritmos musicais, o axé se converte na musicalidade e na forma de cortejo baiano que ganha o Brasil através da centralidade da cultura de matriz afro-brasileira.

O carnaval baiano é um grande palco iluminado onde historicamente a negritude desfilou seus anseios e esperanças enquanto construía e reconstruía sua própria identidade. O carnaval da capital, Salvador, está, desde o ano de 2005, no Livro dos Recordes como o maior carnaval de rua do mundo. A festa consolidou-se como um dos grandes eventos da cultura brasileira desde o final do século XIX. Se hoje é um espetáculo conhecido e reconhecido internacionalmente, cabe destacar o papel decisivo da negritude em sua afirmação.

Mauro Cordeiro

Antropólogo, pesquisador e professor

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Esperanças de Boaventuras: construções da África e africanismos na Bahia (1887-1910). ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS (UCAM. IMPRESSO), Rio de Janeiro, v. 24, p. 215-246, 2002.
- GODI, Antonio Jorge Víctor dos Santos . De índio a negro, ou o reverso. In: Michel Agier. (Org.). Cantos e Toques: etnografias do espaço negro na Bahia. Salvador: Fator, 1991, v. , p. 51-70.
- LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- MIGUEZ, Paulo. Afrofolias: notas sobre a presença negra no Carnaval de Salvador. REVISTA EXTRAPRENSA, v. 14, p. 133-147, 2020.
- MORAES FILHO, Mello. Festas e tradições populares do Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967.
- QUERINO, Manuel. A Bahia de outrora. Salvador: Progresso, 1946.
- RISÉRIO, Antônio. Carnaval Ijexá. Salvador: Corrupio, 1981.
- _____. Carnaval: as cores da mudança. Afro-Ásia, n. 16, 1995.
- VIEIRA FILHO, R. R.. Diversidade no carnaval de Salvador - As manifestações afro-brasileiras (1876-1930). Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 14, p. 217-230, 1997.